

INVENTAR PALAVRAS É RECRIAR O MUNDO: ludicidade no processo de alfabetização e construção de sentidos

Hebe Duarte de Andrade Maluf Resende¹

Eixo temático: 8 Alfabetização e modos de aprender e de ensinar

Resumo: O presente artigo relata o trabalho desenvolvido numa turma do 1º ano do Ensino Fundamental do Colégio Pedro II, no município do Rio de Janeiro. A prática foi pensada para tornar o processo de alfabetização mais lúdico e significativo para os alunos dessa classe. A atividade “Visita da Vovó Baretta” promoveu a reflexão sobre a leitura e a escrita de palavras, calcada na perspectiva discursiva defendida por Smolka (2008) e Goulart (2017).

Palavras-chaves: Alfabetização; Leitura e escrita; Perspectiva discursiva

Introdução

Vivemos um momento que nos leva a uma profunda reflexão sobre conceitos de democracia e políticas públicas, principalmente em relação ao campo educacional, que nos direciona à necessidade de reafirmar o compromisso com uma prática docente crítica e autônoma.

Numa democracia o cotidiano é construído pela pluralidade dos sujeitos. Linguagem, cultura, conhecimento e vida dão significados e permitem a resignificação das relações do eu com o espaço. Como processo discursivo, a alfabetização, se dará como prática democrática, onde o sujeito terá vez e voz e conquistará seu lugar, manifestando seus desejos e o que julga necessário para dar sentido e sentir a linguagem que o constitui.

O movimento do costurar uma nova forma de ver e fazer o processo de alfabetização exige do educador um passo largo e desconfortante na sua prática em sala de aula, haja vista ser aquele que auxiliará na escrita e reescrita de uma aprendizagem significativa e direcionada a todos.

¹Pós-graduada em Pedagogia Empresarial pela Universidade Cândido Mendes. Professora do Ensino Fundamental I do Colégio Pedro II. Contato: hebeduarte@gmail.com

Como alfabetizadora de uma instituição pública de ensino, julguei necessário abraçar uma nova maneira de tecer os fios do processo de alfabetização, conduzindo os vinte alunos a vivenciarem ludicamente uma das fases mais importantes da trajetória estudantil, a alfabetização. Para isso, recorri às autoras Ana Luiza Smolka e Cecília Maria Aldeguieri Goulart, por salientarem em seus estudos que o discurso, lugar de enunciação, produção de sentidos e significação, conduz o sujeito a viver o processo de aprendizagem além dos muros escolares.

2 Discursividade, presente!

[...] agir é muito bom, refletir, ainda mais. O melhor acima de tudo, é conseguir materializar, em ações, os nossos sonhos e reflexões.

(ABREU, 2006, p. 32)

A expressão acima refere-se à construção do meu interesse em materializar neste trabalho a prática que desenvolvi com a minha turma de 1º ano do Colégio Pedro II, com o intuito de debruçar-me sobre as minhas inquietações e das crianças que compunham aquela vibrante sala de aula.

Informações surgiam num ritmo acelerado. A dúvida se fazia todo tempo presente no “como é que se escreve ...?”, bem como, o medo do erro: “Tia, eu não sei escrever!”. Frases assim estavam presentes nas interações dentro daquele ambiente, cuja troca de experiências entre crianças com sentimentos de segurança e insegurança construíam um processo de significantes e significados da leitura e escrita. Ao elucidar sobre a importância do outro na constituição humana, Bakhtin (2003, p. 24) traduz o entendimento de que nos constituímos e nos modificamos por meio das relações com os outros. O autor afirma:

Eu tomo consciência de mim e me torno eu mesmo unicamente me revelando para o outro, através do outro e com o auxílio do outro. [...] Não se trata do que ocorre dentro, mas na fronteira entre a minha consciência e a consciência do outro, no limiar.

A dialogicidade sempre presente nas relações com os alunos se constituiu como base para a minha tomada de consciência sobre a necessidade de buscar novas opções metodológicas por meio de uma diferente possibilidade de ensino.

Dessa forma, o presente trabalho tem como fundamentação teórica que sustenta uma

alfabetização discursiva as contribuições de Bakhtin e Vigotski, apresentados e aprofundados pelas autoras Ana Luiza Smolka e Cecília Maria Aldeguieri Goulart.

A convicção de que seja necessária a garantia de uma relação rica da criança com a língua escrita, plena de significados, já nos anos iniciais do Ensino Fundamental (e ainda antes, na Educação Infantil), é fundamental para uma maior democratização dos acessos de todas aos bens culturais. Uma aprendizagem significativa e contextualizada forma sujeitos capazes de utilizar os recursos da língua escrita na construção de uma realidade melhor para si e para os outros.

Nesse sentido, a preocupação apresentada é com o sentido que se tem na utilização dessa língua e não com a decifração de sons e sinais gráficos isolados. De acordo com Geraldi (2011, p. 29),

Esta alfabetização com base nos sentidos adquire imediatamente cunho político, porque não discutimos grafemas, mas sentidos. Reduzir a alfabetização à “aprendizagem da técnica, domínio do código convencional da leitura e da escrita e das relações fonema/grafema, do uso dos instrumentos com os quais se escreve” é desvestir o processo de alfabetização de todo e qualquer cunho político. Como se a técnica fosse neutra e como se o seu uso – os sentidos que faz circular – fosse independente de interesses sociais.

Tal pensamento implica um processo de aprendizagem significativo tanto para o aluno como para o professor. É uma alfabetização que oportuniza a ampliação da consciência do sujeito a partir da atribuição de sentido por meio do desenvolvimento da linguagem de todos os sujeitos envolvidos de forma contextualizada e dialógica.

3 Relato de experiência “Visita da Vovó Baretá”

Alicerçada na perspectiva de um processo de alfabetização lúdico e dialógico, surge a atividade “Visita da Vovó Baretá”, a qual buscava a participação efetiva das crianças na construção da escrita e da leitura. As vivências de cada uma e suas realidades, tão distintas entre si, foram valorizadas ao longo do trabalho. Defendo o pensamento de Goulart (2017, p.169), quando afirma ser a alfabetização

um processo de ampliação da leitura do mundo, na medida em que a escola seja o espaço de conhecer outras formas de dizer o mundo, outras formas de olhar, falar e escrever o mundo,

outras linguagens, outras discursividades orais e escritas.

É no âmbito escolar que o conhecimento é julgado socialmente de maneira positiva, com relevância para os sujeitos, em diversos sentidos. A aprendizagem inserida no contexto da discursividade se consolida sobre diálogos repletos de argumentações, conhecimentos e troca.

3.1 Vovó Baretta chegou!

Relatarei a atividade com detalhes na tentativa de aproximar o leitor da dinâmica da proposta, destacando as falas das crianças que me presentearam com situações ricas em sua singularidade e afetividade.

A personagem caricatural de uma velhinha foi representada por mim para promover um laço afetivo para as crianças daquela turma, já que muitas famílias apresentavam a avó como a principal provedora.

Era agosto e a turma estava há dias na expectativa de uma visita que foi sendo anunciada. O “quem será?” não deixava a boca das meninas e meninos que, ansiosos, palpitavam. Personagens de contos infantis, *Youtubers* e artistas nacionais e internacionais foram sugeridos. Mas quem surge amaparada num guarda-chuva e segurando uma bolsa é a “Vovó Baretta”.

A entrada da personagem causou alvoroço na turma. Todos se levantaram e alguns saíram de seus lugares para ajudar a velhinha que andava com dificuldade. Vovó Baretta foi apresentada como uma vizinha da professora da turma e sonhava em voltar à escola para aprender novas coisas e conhecer as crianças daquela sala, isso porque a solidão era sua grande companheira.

- Aqui é a sala da professora Hebe? Estava ansiosíssima para conhecer essa linda turminha! – Vovó Baretta diz.

Imediatamente, Guilherme providencia uma cadeira para a senhora se sentar. Amandapede que os colegas se silenciem para que todos possam ouvir o que a personagem tem a dizer.

Aqueles pequeninos olhos estavam voltados para a simpática velhinha. A curiosidade em saber o que havia em sua bolsa e o que fazia ali motivavam uma animada conversa.

Para a surpresa de todos, a velhinha nomeava os objetos presentes na sala de forma bastante pessoal. Por exemplo:

Cadeira = sentador

Guarda-chuva = zebelê

Bolsa = zabola

Lápis = escrivinhador

Apontador = afinazildo

Livro = lirudo

Janela = laneja

Armário = maracata

Mesa = medaru

Armário = alurido

As novas palavras eram acompanhadas por risadas e comentários perplexos, afinal sílabas unidas de uma forma diferente formavam o que para as crianças não fazia muito sentido ou estava errado, pois mesa para eles sempre se chamou mesa.

- Vovó Baretta, você é muito engraçada! – disse Larissa.

- Por que você dá esses nomes esquisitos às coisas? – perguntou Gustavo.

Respondeu Vovó Baretta:

- É porque eu sou muito esquecida. Esqueço o nome de tudo! Então, invento novos nomes para as coisas.

A resposta da personagem é suficiente e convence a turma. Ao final da visita, todos foram presenteados com um delicioso “catapira”, um brigadeiro que fez mais uma vez as crianças saírem de seus lugares para abraçarem a velhinha e darem um até logo.

- Vovó Baretta, você pode voltar sempre que se sentir sozinha. – enunciou Roberta.

Enzo propôs:

- Se quiser, eu posso ser neto.

A despedida foi demorada, cheia de afeto, sorrisos, e, no cantinho do olho da velhinha, uma lágrima teimou em escorrer.

No retorno da professora para a sala de aula, uma explosão de vozes encheu o espaço. Todos queriam narrar o acontecido, demonstrar seus sentimentos e compartilhar situações parecidas já vividas.

- Professora, sua vizinha é uma comédia! – disse Ítalo.

- Tia, a Vovó Baretta inventa nome pra tudo. – falou Gabriela.

- Eu fiquei com o meu coração triste quando soube que ela se sentia sozinha. – comentou Amanda.

Paulo exclamou:

- Ela fala tudo errado!

- Não é nada disso, Paulo! – retrucou Priscila. Ela tem a doença do esquecimento

igual a minha avó.

- Eu sei! Ela tem “Ozainer” – Luana completou.

A professora se levantou e pediu que Luana soletrasse o nome da doença à qual se referia para que escrevesse no quadro. Com a palavra em destaque, foi apresentado às crianças o nome correto da enfermidade, Alzheimer, e acrescentado que, assim como a vovó Baretta não sabe ao certo o nome das coisas, nós também não sabemos, e por isso é necessário sempre buscarmos informações. O erro faz parte do processo de aprendizagem e não é necessário temê-lo.

- Agora eu sei falar o nome certo, tia! Alzheimer! – corrigiu Luana.

- Tia, a Vovó Baretta não tem medo de errar? – questionou Ítalo.

- Eu não gosto de errar! – Guilherme afirmou.

Mais uma vez a professora foi ao quadro para problematizar a escrita das palavras pronunciadas pela velhinha e solicitou a participação de alguns alunos que precisavam de um acompanhamento mais próximo no processo de alfabetização. As palavras “laneja” e “lirudo” foram soletradas corretamente o que gerou grande alegria nessas crianças. O “eu sei escrever!” ganhou espaço na fala daqueles que se julgavam descrentes frente ao universo da linguagem.

Depois que todos retornaram aos seus lugares, Gabriela se aproximou da professora e disse baixinho:

- Tia, eu sei que você é a Vovó Baretta! Mas não vou contar a ninguém. Eu queria ter uma vovó assim para eu cuidar todos os dias dela.

Gabriela piscou um dos olhos e voltou para o seu lugar.

As palavras daquela menina ecoavam na professora. A atividade era para explorar a linguagem, mas foi a vida que se fez presente naquele momento.

4 Discursividade na visita

A proposta da atividade era empoderar as crianças que apresentavam receio em escrever por terem suas escritas consideradas como “não aceitáveis” socialmente. Quando a criança percebe que a sua escrita está em transformação e que gera informação para o outro, ela se sente capaz de produzir e apreender conhecimento.

Assim, pode-se afirmar que é na e pela linguagem que se estabelecem as relações humanas. Para Bakhtin (2011, p.261),

Todos os diversos campos da ação humana estão ligados ao uso da linguagem. Compreende-se perfeitamente que o caráter

e as formas desse uso sejam tão multiformes quanto os campos da atividade humana, o que, é claro, não contradiz a unidade nacional de uma língua. O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana.

Com isso, é possível afirmar que a língua produz e é produzida numa relação dialética e dialógica contribuindo progressivamente com o processo de humanização. Geraldi (1996, p.28) destaca que,

A língua, enquanto produto desta história e enquanto condição de produção da história presente vem marcada pelos seus usos e pelos espaços sociais destes usos. Neste sentido, a língua nunca pode ser estudada ou ensinada como um produto acabado, pronto, fechado em si mesmo, de um lado porque em sua “apreensão” demanda aprender no seu interior as marcas de sua exterioridade constitutiva (e por isso o externo se internaliza), de outro lado porque o produto histórico – resultante do trabalho discursivo do passado – é hoje condição de produção do presente que, também fazendo história, participa da construção deste mesmo produto, sempre inacabado, sempre em construção.

Nessa perspectiva, as crianças foram convidadas a escrever as palavras inventadas pela Vovó Baretta e também a inventar as suas. Os alunos que anteriormente demonstraram temor pelo erro, por não escreverem na forma “convencional”, realizaram a atividade com maior confiança, haja vista que a sua produção levava informação dentro de uma linguagem que lhe era singular.

5 Considerações finais

“Ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar.”

Paulo Freire

O presente trabalho buscou refletir sobre a construção do processo de alfabetização definida pelas experiências com o universo da escrita, pois acredita-se na responsabilidade da escola como agente de uma formação de qualidade para que as crianças possam fazer uso de maneira significativa da leitura e da escrita em suas vidas. As discussões aqui trazidas ressaltam que a leitura e a escrita se caracterizam como uma atividade humana que se

transforma e possui, em sua natureza, condição de transformar os sujeitos e seus contextos.

Pensar na alfabetização numa perspectiva discursiva direciona a crença de que a produção da escrita é processual, conforme a construção dos sentidos se apresenta nas relações entre os sujeitos.

Propiciar aos alunos situações em que vivam a leitura e a escrita com real significado em suas práticas sociais conduzirá a conscientização de que os diferentes usos da língua se consolidam como diferentes manifestações de linguagem, dentro de um processo dialógico em que o ato de ler e escrever se torna autônomo.

É mostrando ao aluno que ele é capaz de caminhar por uma estrada em que o erro se torna uma companhia necessária para construir e reconstruir, que se pode sonhar como Paulo Freire com uma educação libertadora, singular e significativa para todos os sujeitos.

Alfabetização discursiva caminha olhando para a vida, abraçada à afetividade e ao lado do que é real.

Referências

ABREU, Márcia Martins de Oliveira. Cipó Encantado encanta CAIC – Guarani. In: Revista: Educadores em ação - Uberlândia. n. 05. Ano 04, Jul./Dez. 2006. p. 28-32.

BAKHTIN, Mikhail. "Estudos da ideologia e filosofia da linguagem". In: *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução de Michael Lahud e Yara Frateschi Vieira. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1992.

_____. Gêneros do Discurso. Estética da Criação Verbal. Trad. Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 261-306.

GERALDI, João Wanderley. Alfabetização e letramento: perguntas de um alfabetizado que lê. In: *Alfabetização e Letramento: o que muda quando muda o nome?* Org. ZACCUR, Edwiges. Rio de Janeiro: Rovel, 2011. (p. 13 - 32).

_____. Linguagem e ensino. Exercícios de militância e divulgação. Campinas. Mercado de Letras – ALB, 1996.

GOULART, Aldguer Cecília; WILSON, Victoria. *Alfabetização, Linguagem e Discurso: uma entrevista com a professora dra. Cecília Goulart*. Pensares em Revista, São Gonçalo-RJ, n. 11, p. 167-175, 2017.

_____. *Letramento e modos de ser letrado: discutindo a base teórico-metodológica de um estudo*. Revista Brasileira de Educação, v.11, n.33, p.450-460, set/dez.2006.

SMOLKA, A. L. B. *A criança na fase inicial da escrita: alfabetização como processo discursivo*. Campinas -SP Cortez. 2008.

_____. Da alfabetização como processo discursivo: os espaços de elaboração nas relações de ensino. In: GOULART, C. M. A.; GONTIJO, C. M. M.; FERREIRA, N. S. de A. (Orgs.) A alfabetização como processo discursivo: 30 anos de A criança na fase inicial da escrita, São Paulo: Cortez, 2017. p. 23-45.